

Há laranjas azuis? Sim, há no Porto: uma proposta de criatiCidade para o Porto¹.

Conferência de abertura da Pós-Graduação em Criatividade, Inovação e Desenvolvimento Humano
Porto, 6 de Maio de 2010

(Introdução: este é um primeiríssimo ensaio para podermos pensar, em comum e de outro modo, a cidade onde vivemos, valorizando a humanidade e a criatividade que nos habitam. Parto de conceitos como o de criatividade, indústrias culturais e criativas, cidade criativa e “criatiCidade”, para os interrogar, à luz de uma cidade como lugar e “valor de expressão” para todas as pessoas e para as pessoas na sua totalidade. Proponho um Porto Solidário pois só ele pode ser um lugar apropriado de acolhimento e projecção do modelo de criatiCidade que aqui defendo. Reflecto em particular sobre o papel da educação, a função crucial das lideranças e termino com um conjunto de desafios que temos diante dos nossos olhos e das nossas mãos)

Joaquim Azevedo²

O Porto, uma proposta de CriatiCidade³.

“O tempo que vivemos, se for mesquinho, amesquinha o eterno”, Agostinho da Silva⁴

A cidade é uma construção social e, como tal, podemos fazê-la evoluir, ao longo do tempo, para novas configurações, tal como aconteceu no passado. Nada do que é social (incluindo portanto a economia) é irremediável, não há percursos sem saída, fatalidades a que estejamos condenados. Nem o desemprego, nem o modelo de trabalho e de ocupação do tempo dito “livre” (e que de livre muito pouco tem), nem o modelo educativo que tanto nos atormenta, nem o modo de vida urbana, que fragmenta e estilhaça, nem os media que desviam o nosso olhar para onde querem, com a nossa resignada complacência, nem o modelo de governação que naturalizamos, nada disto nos carrega de inevitabilidades. Este princípio abre-nos para o exercício da responsabilidade e para a busca de uma cidade que seja um **lugar com todos** e onde a construção do bem comum e da justiça, em liberdade, seja o norte, a missão e a acção agregadora.

¹ Ao longo do texto vou recorrer várias vezes a citações de escritos do famoso pensador português, professor e portuense, Agostinho da Silva (1906-1994). É um grande pensador da Liberdade e da criatividade, da Educação, que para elas conduz e da cultura portuguesa, imaginando um futuro melhor e promissor.

² Professor Catedrático da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto.

³ Agradeço o apoio dado pelas professoras da Universidade Católica Portuguesa-Porto, Helena Gil da Costa e Joana Cunha e Costa, na elaboração desta conferência, que corresponde aliás a um repto por elas lançado, no âmbito da Pós-Graduação sobre “Criatividade, Inovação e Desenvolvimento Humano”.

⁴ “Educação de Portugal”, 1989, Lisboa, Ulmeiro.

Procurar responder à pergunta sobre se o Porto⁵ é ou não é uma cidade criativa, não me interessa. O Porto tem laranjas cor de laranja e também tem laranjas azuis. Isso é para mim e, creio, para todos os presentes, um ponto assente. Opto aqui e agora por colocar o acento tónico em outro ponto: o Porto precisa, como de pão para a boca, de se renovar, de quebrar o movimento de queda em que se encontra, fruto quer da perda de referências, de pessoas, de empresas, de prestígio e importância económica, quer fruto da reestruturação de valores colectivos e da perda de importantes referentes éticos. Para o conseguir fazer, defendo que o Porto precisa de se reorientar em torno do valor central da dignidade da pessoa humana, da solidariedade e da procura do bem comum, pois este é o melhor berço para desenvolver a sua marca de cidade criativa, livre e motivada a apostar na imaginação e no desenvolvimento humano de todas as pessoas e na capacitação (“empowerment”) de todas as suas inúmeras instituições sociais.

Importa começarmos por colocar os pés na terra. A periferização do Porto prossegue a um ritmo acelerado, a favor de Lisboa, Madrid, Barcelona, Berlim e outras áreas metropolitanas da Europa. Por isso, mais do que contarmos as laranjas azuis que já temos, exibindo-as provincianamente, o Porto tem de continuar a dar uma outra volta: é preciso prosseguir todos os esforços para fazermos do Porto uma cidade criativa e aberta ao mundo, um ambiente urbano capaz de se reinventar em torno da criatividade das pessoas e das instituições, o que implica dar a prioridade à construção de uma comunidade mais solidária e socialmente mais inovadora, em torno de novas redes entre pessoas e instituições, tornando-as cada vez mais próximas, proximidade esta assente no re-conhecimento mútuo e na justiça, uma cidade verdadeiramente de rostos e mãos que se dão para enfrentar os desafios de hoje e os do futuro. Que cidade criativa quer o Porto ser, que modelo de criaticidade quer construir? A minha resposta⁶ a estas questões será o guião central que ilumina o percurso desta breve alocução.

O Porto é uma cidade relativamente pobre e, no actual contexto da globalização, uma cidade necessariamente periférica. Cresceu mal e resolveu as suas principais questões sociais **criando guetos**, outrora as ilhas e os bairros sociais, em número impressionante para o tamanho da cidade, hoje os condomínios privados. Estes guetos são uma má herança e constituem, hoje, fábricas de geração de múltiplas dependências, um factor social de fractura, mais do que um motor de comunicação intercultural e de paz. Em tempos de crise, esta sua realidade dormente acorda e manifesta-se na sua crua nudez. Os idosos são uma parte cada vez maior da sua população e há milhares que vivem isolados e na pobreza. A magna questão do desenvolvimento do Porto (e da sua área metropolitana) é a **questão social** e isso nunca foi clarificado no espaço público, nem mereceu a imprescindível atenção e priorização. Acresce que as suas lideranças, no período democrático, nunca sobressaíram com a força, a orientação estratégica e a determinação necessárias para lhe dar um rumo novo, assente na qualidade e na qualificação de todas as pessoas e das instituições que ancoram o seu capital social, rumo este necessariamente assente

⁵ Porto é aqui tomado como referência de uma cidade, um ambiente urbano suficientemente denso, que compreende, neste caso a cidade do Porto e se pode prolongar a toda a Área Metropolitana.

⁶ A minha resposta não é minha, é fruto de um trabalho em equipa com muitos outros, mormente os que, mais recentemente, no âmbito da Faculdade de Educação e Psicologia da UCP, vamos construindo um corpo teórico-prático em redor da Pedagogia Social.

na liberdade, na responsabilidade e numa alargada participação social. Somos uma cidade que parece caminhar para uma ordem onde impera a resignação, pois já nem com Lisboa vale a pena lutar...

O mundo mudou profundamente, não só a economia globalizada, mas também a cultura e o ambiente que se respira. Assistimos, embalados, a uma revolução da informação e da comunicação que nos abrem imensas portas, ao mesmo tempo que nos embrutece, mais do que esclarece. Pressentimos que a educação (familiar, social e escolar) não está à altura dos maiores desafios deste mundo em permanente e acelerada mudança, que as lideranças políticas manifestam sinais graves de desorientação e desgoverno, estamos conscientes de que a matriz meramente competitiva da economia de mercado está a desumanizar o quotidiano, a fazer galopar o desemprego e a cimentar as desigualdades no mundo, de que a ética e a política perdem terreno para um pragmatismo presentista e para uma subordinação do pensamento prospectivo e humanista ao progresso da técnica e da competitividade económica.

Um dos maiores males dos dias que correm reside nesta recusa em ousar prosseguir, no futuro, o caminho herdado do passado, no que ele tem de melhor: o bom, o belo e o verdadeiro, a justiça e a paz. Ouvimos todos os dias: “De que vale pensar o dia de amanhã? Temos é de viver cada dia e tirar dele o máximo partido, não sabemos o que aí vem e parece que nem será coisa boa!”. Este presentismo constitui a mais clara e atroz expressão da resignação humana, como se se tratasse de um conjunto de condenados a prisão perpétua!

Mas não, não estamos condenados a nada, a não ser, como dizia o portuense Agostinho da Silva, a sermos livres.

Felizmente há muitas pessoas e instituições que têm iniciativa, resistem, lutam, trabalham, esforçam-se; também já fizemos grandes conquistas, nos últimos vinte anos, na educação, na saúde, nas infra-estruturas, na economia e em muitos outros campos. Precisamos, hoje, de canalizar de outro modo as enormes energias que possuímos, a iniciativa que nunca nos faltou, a amor à liberdade que a tantos animou, a solidariedade que sempre resistiu, a ousadia que nos ferve no sangue, a resistência que bebemos de nossos antepassados, a abnegação e a humildade que cultivamos no quotidiano, a hospitalidade e a capacidade de acolher o diferente e o estrangeiro; precisamos de tudo isso e bastante mais para levantarmos a cara.

Levantar a cara?

Este não é o momento adequado para se falar disso, dir-me-ão, estamos mergulhados, como país, na maior crise económica dos últimos cem anos. Sim, mas até isso é preciso interrogar, porque esta crise não é financeira e económica, como nos querem fazer crer, é profundamente cultural e política, pois ela tem sobretudo que ver com valores e modelos de governação e de desenvolvimento social. Estão em questão mitos, equívocos, valores, opções sobre a vida em comum, portanto **escolhas políticas** (e não problemas técnicos), a par de elevados défices de participação e de livre criação humana. Só em liberdade e para a liberdade é possível e vale a pena levantarmos a cara. “Portugal tem de se arriscar à liberdade...se é o nosso ideal a liberdade, só pela liberdade o poderemos atingir, que todos os outros meios emperram em si mesmos.” (Agostinho da Silva)⁷.

⁷ Ibidem.

Entretanto, para focarmos a nossa temática, têm vindo a ganhar um enorme força mediática e social as chamadas “indústrias culturais e criativas”, as “cidades criativas” e um pouco por todo o mundo se assiste a uma mobilização das cidades em torno de novos conceitos, se edificam novos objectivos estratégicos de desenvolvimento social e novos projectos inovadores de cidade. O Porto constituiu a ADDICT⁸, com mais de setenta entidades da região, o Presidente da República deu enorme visibilidade a esta dinâmica no seu discurso no 25 de Abril passado. A Comissão Europeia lançou, dois dias depois, o Livre Verde sobre “Libertar o potencial das indústrias culturais e criativas”. Há Conferências, Seminários e Workshops muito variados sobre esta problemática, ela entrou claramente na agenda política. O Porto está a tomar a dianteira, mais uma vez.

A coisa está a ferver e nós não a podemos ficar a ver.

Ela está debaixo dos nossos pés, à frente das nossas mãos, ao alcance dos nossos olhos e, sobretudo, não está, como poderia e deveria, dentro das nossas mentes, devidamente pensada. Mas, a oportunidade é flagrante e não a podemos perder.

Este movimento, veloz como todos os que a actualidade gera e, por isso mesmo, apto a deixar marcas impressivas, que facilmente naturalizam os fenómenos e os conceitos, precisa de ser pensado e submetido a interrogação. Ora, isto é decisivo, sob pena de estarmos a tomar o rebuçado pelo papel que o embrulha.

As crises representam sempre oportunidades, assim as saibamos perscrutar e pensar. Não podemos perder mais esta crise-oportunidade para humanizar o percurso de uma economia e de um modelo de desenvolvimento que tendem, pelo mundo fora, na maioria dos seus segmentos, a delapidar a natureza e a desrespeitar os direitos humanos, deixando de fora do trabalho uma percentagem cada vez maior da humanidade, o que torna o nosso futuro verdadeiramente insustentável, se não mesmo insuportável.

Será o Porto uma Cidade Criativa? Como disse, não me interessa ir por aqui, porque não vai dar a lado nenhum, seja sim, seja não, seja nim. Prefiro colocar outra questão, bem mais estimulante: como pode o Porto tornar-se uma cidade criativa, como pode o Porto desenvolver a sua criatiCidade, ou seja, **os dinamismos de uma cidade que aposta na criatividade e na inovação social?**

Os conceitos, em primeiro lugar

A criatividade que aqui quero considerar é a criatividade na cidade (o que designo por criatiCidade). Por isso, o conceito de criatividade a que aqui recorro não é apenas credor do contributo daqueles que o qualificam como o que é original face às normas, com valor acrescentado socialmente reconhecido. O conceito de criatividade não pode também ficar prisioneiro nem de perspectivas individualistas e epifânicas, nem de perspectivas tecnicistas e economicistas e até meramente produtivistas. Temos de o considerar e centrar desde logo **no seu valor de exercício da subjectividade e de manifestação da liberdade do ser humano, as pessoas, as equipas, as instituições, manifestando-se socialmente em ideias, projectos, produtos e soluções**

⁸ Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Culturais e Criativas, constituída em 2008, no Porto. Conta, em Maio de 2010, com ---associados.

inovadoras, que transformam e melhoram a vida em comum. Aliás, é sobretudo dentro desta capacidade humana de criar laços, de exprimir relações solidárias, como dom, diante do outro, diante de problemas, dramas pessoais e sociais, constrangimentos e obstáculos aparentemente intransponíveis, que irrompe a criatividade na cidade. Esta surge assim tanto como uma constelação de possibilidades (potencial criativo de pessoas, grupos, instituições, associações, redes), como uma multiplicidade de manifestações (ideias, projectos, acções, produtos, soluções).

Os modelos teóricos sistémicos de criatividade, em que esta é aceite como fenómeno pessoal, psicológico, cultural e social, como novidade integrada nas práticas sociais, compreendendo portanto os três grandes eixos tradicionais de análise da criatividade, a saber, a pessoa criativa, o domínio simbólico e o campo social, constituem um contributo muito útil para pensarmos a criatividade na cidade. De igual modo, as concepções associacionistas da criatividade (ex. Mednick), que valorizam o acaso (encontram aquele e aqueles que procuram), o jogo de correspondências (em que a criação poética e as suas homonímias, assonâncias, rimas e dissonâncias podem constituir um bom modelo) e a mediação (a evocação do necessário através da mobilização do comum e dos sistemas de símbolos) podem fornecer-nos elementos úteis a explorar, a par também da reflexão sobre as práticas sociocomunitárias bem sucedidas e mobilizadoras da criatividade das pessoas e dos mais variados actores sociais em dados territórios⁹.

A criatividade na cidade é um processo, não é um produto, porque se fundamenta no encontro das pessoas e das instituições e na sua acção solidária e multifacetada na procura do bem comum.

Estamos, em todo o caso, na infância da arte. Temos um longo caminho a percorrer para ir explicitando este conceito teórico-prático, certos de que a sua explicitação é essencial ao fomento da criatividade na cidade. Adiante procurarei esclarecer algumas vertentes do que entendo como dimensões nucleares da criatividade.

A inovação é aqui tomada em articulação com a criatividade e como processo de implementação das ideias, produtos e soluções criativas.

O conceito de “cidade criativa” foi desenvolvido no fim dos anos oitenta, por autores como Charles Landry (2000 e 2005), Richard Florida (2005), Lee Sun-chul (2009), Peter Hall (1998), Ralph Ebert e tal. (1994) e rapidamente se foi articulando com um outro sobre “indústrias culturais e criativas”, o que tem gerado alguma confusão no modo de apropriação social dos novos conceitos, tornando-os buzz-words. Deixamos as definições de indústrias culturais e criativas¹⁰ em notas e focamos a nossa atenção na perspectiva da cidade criativa.

⁹ Exemplo: a dinâmica socioeducativa TCA-Trofa Comunidade de Aprendentes (www.trofatca.pt) e o processo de elaboração do Diagnóstico Social do Porto (www.porto.ucp.pt) constituem bons exemplos e desenvolvem-se com base na nossa Faculdade de Educação e Psicologia, na Universidade Católica, no Porto.

¹⁰ As “indústrias culturais” são as indústrias que produzem e distribuem bens ou serviços considerados no momento da sua concepção como tendo uma qualidade, um uso ou uma finalidade específica que incorpore ou um veicule expressões culturais, independentemente do valor comercial que estes bens ou serviços possam ter. Além dos sectores tradicionais das artes (artes do espectáculo, artes visuais, património cultural - incluindo o sector público), esses bens e serviços também incluem filmes, DVDs e vídeos, rádio e televisão, vídeo games, novos *media*, música, livros e imprensa. Este conceito foi definido em relação às expressões culturais no contexto da Convenção da UNESCO sobre a Protecção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005)¹⁰

Esta noção de “cidade criativa” tem vindo a ser adoptada por decisores políticos, por projectistas urbanos, por economistas e sociólogos, arquitectos, educadores e engenheiros e aplicada tanto ao desenvolvimento local como à regeneração urbana (veja-se o caso da SRU Porto Vivo, no Porto) e à nova gestão das cidades.

“The creativity of the Creative city is about lateral and horizontal thinking, the capacity to see parts and the whole simultaneously as well as the woods and stress at once”. (Charles Landry, *Lineages of the creative city*, 2006)

A sua abordagem é igualmente muito multifacetada. Podemos dizer que se trata de colocar a criatividade e a inovação no centro e ao serviço do desenvolvimento social das cidades, tomando estas como territórios motores e catalisadores do desenvolvimento, no quadro de uma economia que cada vez mais integra e valoriza o conhecimento e de um modelo de desenvolvimento que integra e valoriza as diferentes expressões humanas de todos os membros de cada comunidade. Cruzam-se assim nas agendas políticas das “cidades criativas” a cultura como um segmento propulsor do desenvolvimento, a regeneração urbana e espaços e tempos degradados e mortos, o urbanismo e a arquitectura, as políticas locais de desenvolvimento comunitário, a gestão territorial da *res publica* envolvendo o sector estatal público, o sector associativo e solidário e o sector privado, a qualificação das pessoas, o investimento em I&D e a inovação, a coesão social e a integração multicultural, em ordem a melhorar a qualidade de vida e a envolver a população na resolução dos seus problemas. Não vamos aqui debater os diferentes conceitos, mas existem visões muito antagónicas acerca do que pode ser uma cidade criativa, face às quais vale a pena estar atento: elitistas, comunitaristas, economicistas, cognitivistas, culturalistas, voluntaristas e talvez mais algumas. O conceito deve ser perspectivado pelo menos sob três prismas principais: como ferramenta analítica, como referência estratégica e como instrumento de acção política¹¹.

Porto, cidade criativa? Uma proposta de criatiCidade.

Perspectivada a definição geral que adoptamos, vamos focar-nos agora nas perspectivas de referência estratégica e de instrumento de acção política (na *polis*). De facto, a grande vantagem do recurso a este conceito é desde logo cultural, ou seja, visa criar uma visão, um elevador aspiracional na mente e na imaginação das pessoas e das instituições de cada cidade. Por um lado, no Porto, há muito mais potencial de imaginação do que se imagina, haja lugar à sua expressão, ou seja, haja lugar à sua manifestação e valorização social; por outro, este potencial é muito mais importante do que se julgava para arquitectarmos e construirmos uma sociedade mais justa e solidária, um ambiente de realização humana de cada um e de todos. O lado mais negro da cidade, que tem vindo a pintar-se cada vez mais escuro, precisa de recorrer a este conceito-polarizador para sairmos da escuridão, desde uma ilha de Cedofeita ou Campanhã e ao bairro do Aleixo até à Guerra Junqueiro e à Marechal (onde tendemos a localizar a luz). Há muitos portos no Porto, mas essa é uma debilidade-riqueza que temos de enunciar, valorizar e problematizar *ab initio*.

As vias ordinárias não chegam para dar uma resposta, temos de recorrer a algo extraordinário, uma visão partilhada acerca do futuro, um mito, “o nada que é tudo”,

¹¹ Na economia desta reflexão, não vamos aprofundar esta polissemia do conceito de cidade criativa, embora essa seja uma importante tarefa, antes preferimos focar, a partir daqui, no modelo de criatiCidade que propomos.

como nos ensinou a pensar o grande Pessoa. Temos de edificar novas oportunidades visionárias que nos catapultem para uma vida mais digna, para um horizonte humanista de renovada vida em comum. Para isso, só em comum o podemos construir, não como uma “intervenção” externa, um “remédio” que se aplica aos doentes, como mais um milagre que cai dos céus dos políticos miraculosos, mas como **uma responsabilidade comum e um conjunto de múltiplos compromissos pessoais e institucionais**.

A criatiCidade pressupõe, alimenta-se e projecta, em termos matriciais ou fundamentais, a liberdade.

Por isso, o conceito, apesar de multifacetado e ambíguo, desde que esclarecido, é útil, é prático e é forte: apela ao que de melhor tem o ser humano, a sua capacidade de reinventar a sua vida e a suas relações com os outros, em prol de uma vida melhor para todos. **É algo teórico e, ao mesmo tempo, muito prático.** Ser criativo na cidade e tornar a cidade criativa, aquilo que chamo “criatiCidade”, está ao alcance de todos, desde o operário da construção civil ou a pessoa que trabalha em serviços de limpeza, até ao cientista e ao funcionário público, desde o empresário ao trabalhador da indústria e ao educador social, não se devendo por isso, fechar em torno dos artistas e “criadores” (Agostinho da Silva dizia que “o homem não nasceu para trabalhar, mas para criar”). Todos os interessados (o que se repete como sendo “stakeholders”), das esferas pública estatal, privada e associativa, todos os cidadãos devem ser encorajados a mergulhar numa cultura de criatividade. Há uma preciosa biblioteca que temos de construir, é a que reúne aquilo que ainda não sabemos, mas que vai coligindo as perguntas que povoam os nossos olhos e ouvidos, as nossas emoções e os nossos diálogos, as nossas falhas e os nossos erros, as perguntas certas e as erradas; a biblioteca da imperfeição é a única que nos pode levar a mais perfeição (glosando ainda o portuense Agostinho da Silva). Só podemos ir desenvolvendo a criatiCidade do Porto à medida que o pensarmos e fizermos (como já pensamos e fazemos).

Por último, a expansão da criatividade das cidades e a construção de cidades criativas requer uma fina capacidade de articulação entre as ideias e a sua implementação e avaliação, a experimentação e o erro, reclama a abertura de uma auto-estrada para a inovação social. A inovação social que defendo é a que se sustenta na cooperação, no **poder com e não no poder sobre e para**, no confronto de perspectivas e de projectos entre diferentes área da teoria e da experiência prática, na tensão e no conflito sociocultural, na partilha de problemas, de perguntas e de soluções em aberto e em marcha. Não será com a **lógica de silo**, fragmentária e de verticalização departamental, que se responderá com eficácia, eficiência e respeito pela dignidade humana às múltiplas formas de fragmentação social que existem na nossa cidade. Inovação social, nestes termos, conjuga-se com experiencialismo, cruzamento de fronteiras , cooperação e co-criação (Diogo Vasconcelos¹²), ataca as áreas onde a população e as lideranças identificam existirem os maiores problemas sociais e rasga ideias, projectos e soluções para eles, com reconhecido valor social (não sujeito necessariamente ao imperativo do valor comercial)

¹² Digo Vasconcelos, comunicação apresentada no “Workshop on “Europe and social innovation”, 2009.

A “criatiCidade” sustenta-se no pensamento criativo que é uma **competência de todos**, que se aprende e educa, que pode ser estimulada e reforçada, sustenta-se em cooperação, em articulações em rede, em pessoas e instituições que querem ir ao encontro dos outros e co-criar, sustenta-se também em cidadãos altamente qualificados, em decisores políticos de mente aberta e em pensadores muito dinâmicos, criadores e executores, artistas e criadores de novas ideias, produtos e negócios, subindo na cadeia de valor, em organizações inovadoras e numa excelente capacidade de vender as marcas ganhadoras e os novos conceitos e produtos, sustenta-se num ambiente de liberdade, positivo e atrator de novas ideias e de talentos inovadores.

O destacado papel da educação

A **criatividade começa na educação** e a educação começa no ambiente familiar, desenvolve-se no meio social e fomenta-se em meio escolar. O ambiente familiar é o primeiro e principal contexto e agente de desenvolvimento humano. Também ele precisa de ser apoiado, com aprendizagem cooperativa entre famílias e com formação de pais, como temos vindo a fazer na Universidade (até porque “os pais não são heróis”). O conjunto da sociedade e dos seus media carecem de profunda reflexão sobre o papel educativo (não escolar, obviamente) de toda e qualquer instituição, não só, mas também, nas empresas, nos meios de comunicação social, nos serviços públicos estatais e em qualquer associação. Deixando agora de lado estes dois primeiros e muito importantes contextos educativos, que muito devem articular-se com o terceiro, foquemo-nos na educação escolar. Para tal tomo duas perspectivas: a educação criativa e a educação para a criatividade. Será o nosso ensino criativo? Educará ele para a emergência da criatividade em cada pessoa criança, jovem e adulto?

Se é verdade que a educação pré-escolar, exactamente porque o é, não-escolar, e permite fugir aos constrangimentos da educação escolar e potenciar a capacidade de cada um se descobrir na relação com os outros e de se expressar na sua autenticidade (e fazê-lo no seio da imitação dos adultos e dos referentes principais), já o mesmo não ocorre na educação escolar, registando-se um **efeito guilhotina**, entre os cinco e os sete anos, com a passagem para os primeiros anos de escolaridade. Ao fim de um, dois, três anos, a tendência geral é tudo conformar à forma escolar. Quem dita a norma é o adulto-professor, assente no currículo prescrito, a imitação passa a constituir a única norma, a divergência e a lateralidade de pensamento são geralmente rejeitadas, a diferença é desvalorizada e, quando muito, tolerada (salvo raras e honrosas excepções).

E não tem de ser assim. Como bem deixou claro Isaiha Berlin (1958), há cinquenta anos, ao enunciar os conceitos de liberdade negativa e de liberdade positiva, é possível, quer em contextos condicionados quer em contextos de livre expressão das autenticidades pessoais, desenvolver a criatividade, a criatividade com **c** minúsculo, como diz Anna Craft (2004¹³) e como aqui o usamos. Diante do mundo complexo, incerto e caótico que têm diante de si, as crianças devem ser estimuladas, também em ambiente escolar, a desenvolver uma abordagem criativa tanto para a análise dos problemas como para a sua resolução¹⁴. Para que tal aconteça, o diferente emerge, a

¹³ In “Criatividade e Educação”, de Anna Craft e tal. (2004), Lisboa, Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade.

¹⁴ O pensamento criativo implica mais do que o treino do pensamento dedutivo. Muitos pensadores sugerem que se valorizem os pensamentos indutivo e abdução (Peirce, **citar**), pois só assim se podem formular novas hipóteses

formulação de uma pergunta nova ocorra, a procura de um outro caminho aconteça, é decisivo não só contar com bons professores, como é obviamente fundamental promover a aquisição das ferramentas básicas do “conhecimento codificado”, o Thesaurus Cultural herdado do passado, aliando a valorização e crítica ao “conhecimento tácito” adquirido ao longo da vida. Nada disto é impossível, mas esta combinação entre prescrição e criação deixa muitos educadores escolares receosos, remetendo-os para a (aparente) segurança de agarrar apenas a tábua do seguir à risca o prescrito, mesmo que 40% das crianças e dos jovens continuem a ficar pelo caminho, em termos de sucedidas aprendizagens escolares, antes de concluírem doze anos de escolaridade **obrigatórios** (tornados compulsivamente obrigatórios pelo Estado).

Acompanhar os percursos escolares de cada aluno, estimulando as aprendizagens e com elas a emergência da sua imprevisível e irrepetível (única) humanidade, é tarefa difícil e muito complexa, a que, apesar das dificuldades que conhecemos, muitas escolas e professores se dedicam, com muito amor e competência. Mas as falhas ainda são muitas e a aprendizagem organizacional e educacional a fazer ainda é imensa. Estamos a dar importantes passos neste sentido, ainda iniciais, em termos de qualidade, passada que foi a fase de não deixar ninguém em filas de espera. Mas temos de trilhar com muito mais determinação e sentido de orientação e focagem este caminho, sem nunca daí “tirar o pé”, pelo menos nos próximos trinta anos. A “economia do conhecimento” é uma espada suspensa sobre o nosso país e a nossa cidade, mas é também uma oportunidade de outro para recentrarmos as nossas prioridades. O tempo é um aliado difícil, eu sei, mas torna-se mais fácil vivê-lo assim intensa e criativamente se formos trazendo para dentro do seu fluir quotidiano a cooperação, as redes entre professores e entre escolas, a inovação social no campo da educação (familiar, social e escolar).

Inscriver a imaginação criadora no ADN sociocomunitário

Diante de oportunidades socioculturais que se abrem de modo tão imprevisível e diante de desafios que ainda estamos longe de equacionar, ou avançamos, inscrevendo a pegada da criatividade e da inovação no ADN escolar e social ou vamos chegar mais uma vez muito atrasados e humana e socialmente deformados ao futuro. Explicito de seguida esta perspectiva central da minha comunicação.

Todos terão de aprender a “arte da possibilidade” e o “jogo da contribuição” de que fala o casal Zander (2002¹⁵), a usar a imaginação, todos devem ser encorajados a descobrir, *Sim, mas a criatividade requer isto... e isto...e nós aqui não temos. E se fizéssemos...? Sim, e se...? Porque não fazer isto hoje...O meu contributo vai ser...* É preciso abrir constantemente novas possibilidades e não fechar as oportunidades (muitas vezes formuladas com base em falhas e erros, em questões dos alunos e dos cidadãos, quantas vezes questões impregnadas nas suas críticas e sugestões). A criatiCidade implica esta nova linguagem, um novo linguajar quotidiano, em cada encontro, em cada programa e projecto, em cada instituição e encontro entre pessoas e

e formulá-las não só após a sua confirmação, mas como suposição, formulando perguntas e apostando em probabilidades, colocando a inteligência em livres movimentos, nutridos por emoções e experiências de vida, pessoal e comunitária. E isso é algo que podemos e devemos realizar em comum, enriquecendo a biblioteca da criaticidade de que acima falava.

¹⁵ In “The art of possibility” de Rosamund Stone Zander e Benjamim Zander, Penguin Books, 2000.

instituições: *porque não...? E se...? E se tentássemos em conjunto? Que contributo vou dar hoje?*

Por isso, a criatiCidade **como característica transversal da nossa cidade**, que implica famílias e escolas, associações culturais e recreativas, empresas e juntas de freguesia, paróquias e fundações, meios de comunicação social e bancos, **é também um clima**, um ecossistema onde os valores culturais e simbólicos actuam como catalisadores do desenvolvimento global (Landry, 2000 **Joana**), um ambiente que se cria, com tenacidade de orientação e persistência de acção¹⁶.

Ou seja, a questão não consiste em definir regras para olhar diferentemente o igual, mas em olhos que são estimulados a olhar o igual divergentemente e o diferente e divergente como parte de mim, são percepções, sentimentos, atitudes e comportamentos, **não são conteúdos impostos, nem normas organizacionais**.

A criatiCidade assenta ainda no estímulo das atmosferas colaborativas, que se sustentem no acolhimento dos outros e no re-conhecimento mútuo (conhecer de novo aqueles, pessoas e instituições que pensamos que já conhecemos, conhecer com o propósito de dar um novo valor), usando todos os meios disponíveis (tradicionais e *high-tec*) para **criar rede** entre instituições e pessoas, desenvolver novas relações, formular novas hipóteses e **partilhar o conhecimento novo com outros**, daqui ao lado e de todo o mundo (o novo cosmopolitismo do Porto radica aqui) em ordem a fazer **dos compromissos concretos e solidários e da imaginação criadora** o cimento da criatiCidade.

A criatiCidade é esse clima heurístico¹⁷ e socioeducativo que encoraja e estimula, que cria um ambiente motivacional para as mais diversas pessoas e organizações serem criativas e inovadoras (não é, por isso, um problema de elites, embora as elites façam parte tanto do problema como da sua superação), **abrirem novas possibilidades**, em conjunto, sob a forma de um novo tipo de relações sociais e de programação estratégica (Vigário, **Joana**), fundada já na **participação social e na co-criação**, na atracção da imaginação, na estimulação da presença activa e talentosa de todos. Se não houver este constante esforço e apelo socioeducativo, heurístico e colaborativo, este encorajamento constante (que reclama articulação e definição, meios, tempo, adequada comunicação, lideranças capazes, avaliação contínua), tudo voltará ao mesmo ponto (ou talvez um milímetro adiante), passada a euforia económica e a moda em torno das “Indústrias Culturais e Criativas”.

A criatiCidade é também a capacidade de **a cidade estimular a criatividade** nas mais diversas esferas da vida em comum, **no espaço público**: nas empresas, nas escolas e nos bairros, nas associações de moradores e nas autarquias (com destaque para as Juntas de Freguesia¹⁸), nas escolas, nos hospitais, nos serviços estatais, nas instituições do terceiro sector, é a cidade que acarinha e impulsiona a investigação, a liberdade de pensamento e acção, que olha as tensões e os bloqueios como

¹⁶ Nota sobre as cinco asserções **pag 7 Joana**

¹⁷ No limite poderíamos conceber como sinónimas quer a cidade criativa quer a cidade heurística, ou entender esta como elemento central na definição daquela.

¹⁸ A elaboração participada do Diagnóstico Social do Porto revelou uma realidade muito rica e pouco referenciada da nossa cidade: o enorme potencial de conhecimento, de articulação local, de acção e de abertura à inovação que existe nas Juntas de Freguesia da cidade.

potenciadoras da criação, que aprende com as falhas e os erros, com o caminho que vai fazendo, que imprime novas dinâmicas à análise e resolução de problemas e impasses.

Importa para isso reforçar as que existem e criar novas oportunidades para desenvolver **práticas de cooperação, projectos comuns e interculturais**, para a **expressão livre de todas as culturas, para a experimentação do novo, para a emergência do referido novo poder com**.

Há inúmeras iniciativas de promoção da criatiCidade que **são simplesmente ignoradas** porque não são analisadas, descritas e comunicadas nas redes informais e formais de comunicação. A perda quotidiana de energia criadora e inovadora é dramática.

A criatiCidade também pode ser estimulada com a **atração de talentos**, vindos de **dentro e de fora**, assim como com a educação de novos talentos, no quadro da elevação do nível de educação e cultura de toda a população. Eles podem *pro-vocare* as pessoas e as instituições para caminhos novos, para a formulação de novas hipóteses, para contributos inesperados. Todavia, não concordo com os que reclamam que basta “importar” talentos. E eles com quem é que “talentam”? Falam para si próprios, fecham-se nas suas redomas, deliciam-se a ouvir o seu eco, como é tão usual no “debate público” que existe na cidade, que verdadeiramente de público só tem a embalagem!

A criatiCidade também se estimula **encorajando, distinguindo e premiando** os mais criativos de entre nós, grupos, instituições e pessoas (como acaba de fazer, pela primeira vez, a CCDRN¹⁹), dando visibilidade àquilo que queremos que seja uma orientação central da vida das comunidades: **a abertura ao outro e a cooperação**, rejeitando, como caminho de futuro para a cidade, a formação de “comunidades de mesmidade” (Bauman), o fechamento em torno dos mesmos, dos que são como eu, mas confiando nesta característica humana e social fundamental da cooperação e da dádiva. Dar é muito mais importante do que receber, o **dom de dar** é a seiva da criatiCidade.

Bom, mas faltam-nos **lideranças fortes e capazes** de entrar dentro deste novo clima de confiança e compromisso nas cidades. É verdade, por isso vamos abordar essa importante questão.

O magno problema das lideranças

A dinâmica colaborativa que aqui defendemos, o exercício de responsabilidades partilhadas por inúmeras pessoas e instituições e a concretização de compromissos em prol do bem comum, não dispensam as lideranças, antes pressupõem um certo tipo de fortes lideranças da *polis*. Mas de que lideranças falamos?

As lideranças da cidade, em ordem à sua articulação com o conceito de criatiCidade aqui desenvolvido, devem possuir algumas características que enuncio mais brevemente:

¹⁹ Prémios Inovação Novo Norte, **completar**

-os líderes desta cidade criativa **não devem temer a perda de protagonismo e poder**, sob o efeito do radical incentivo que têm de dar ao fortalecimento das instituições e da “liderança partilhada” da cidade, pois só este fortalecimento institucional, sustentado em “alianças de lideranças” para a renovação da cidade (como se fez em Liverpool²⁰), permite um cidade verdadeiramente marcada pela criatividade; esta depende mais da fortaleza de muitas e diversificadas instituições sociais do que da exibição da fortaleza de meia dúzia (aliás, sempre as mesmas, que é outra má tradição do Porto);

-estas lideranças devem para isso praticar consciente e estrategicamente **o poder com** e não o poder sobre e para, que desresponsabiliza e neutraliza pessoas e instituições em volta (e depois, para nos justificarmos falamos da “debilidade da sociedade civil” ou de que “eles só se juntam para beber uns copos”);

-estas lideranças fomentam, mais do que iniciativas próprias e divinamente inspiradas, as dinâmicas **interinstitucionais e interprofissionais e interterritoriais**, pois só elas dão sustentação à perspectiva de cidade criativa e inovadora que aqui defendi (de pouco vale, dentro deste quadro conceptual, aplicar uma dita “estratégia de abertura”, em que a instituição **A** celebra muitos protocolos com outras instituições, mas com a garantia e o objectivo central de se manter, ainda mais legitimada, **no topo da pirâmide** dessas relações interinstitucionais que cria);

-estas lideranças **confiam nas instituições e pessoas** da cidade e incentivam, em liberdade, a sua **conectividade** e cooperação, favorecendo fortes **laços de coesão social**, origem dos **compromissos comuns**;

-estes líderes promovem os meios para estimular **a imaginação de todos**, em qualquer instituição e dinâmica da cidade, a imaginação, esse recurso barato e inesgotável, ao serviço da inovação e de uma melhor cidade para todos;

-estas lideranças são capazes de **recriar os modelos de desenvolvimento urbano** e de cidade, sob o signo da hospitalidade, da proximidade, da cooperação, da ajuda fraterna, da realização humana de cada um, em liberdade;

-estas lideranças **não temem as tensões e os bloqueios**, antes os olham como desafios à criatividade, problemas a enfrentar por todos e não a deixar para depois do desenvolvimento ter ocorrido (como muitos me diziam: primeiro está o desenvolvimento bem dirigido, *top-down*, e depois então podemos abrir as dinâmicas sociais à participação de todos).

Agostinho da Silva dizia que, além da acção e do pensamento ortodoxo e do heterodoxo, era importante cultivar, no espaço público, o paradoxo²¹, pois este era o “fim último da cultura portuguesa”, com isso querendo dizer “o importante é instalarmo-nos no paradoxo. Medo tenho eu do ortodoxo e do heterodoxo, que me coíbiariam de fazer algo que muito me agrada: poder conversar com pessoas de vários pensamentos, várias atitudes, com a capacidade de as entender em si mesmas, sobretudo quando alguma me aparece com sinal inteiramente contrário ao meu”.

²⁰ Liverpool, Capital Europeia da Cultura, 2008

²¹ Ver Artur Manso “Agostinho da Silva - um pedagogo contemporâneo português em busca de uma educação para o futuro” e “Dispersos”, de Agostinho da Silva, 1989.

As lideranças de que aqui falamos comportam quatro dimensões essenciais: a **moral**, porque é preciso estar inspirada em valores nucleares de inspiração humanista e porque é urgente retirar espaço à corrupção; a **intelectual**, porque esta nova perspectiva do desenvolvimento urbano e social requer a adopção de uma outra visão e missão para a cidade, a aplicação de um novo modelo de desenvolvimento social como o que assenta nos pilares aqui descritos e porque é preciso aprender a reconhecer e a dar valor às ideias, experiências e memórias, projectos e erros, produtos e soluções que existem na comunidade; **eficiente e eficaz**, porque é crucial que estas lideranças gerem confiança interna e externa; **emocional**, porque é preciso que os líderes estejam próximos, estimulem e inspirem, mesmo sem conseguirem determinar à partida nem os processos nem os resultados.

Estes líderes são **orquestradores, não são substitutos** da sociedade e da comunidade. O debate político tem de mudar de epicentro: ele tem de ser o espaço público, a comunidade que borbulha de iniciativas, não é a cabeça iluminada do dirigente e do seu séquito de assessores. Quantas dinâmicas e projectos são criados na nossa cidade, com elevado valor social e económico, profundamente capazes de futuro, e que morrem às mãos dos líderes e das suas lideranças, seja por acção, seja por desinteresse e desvalorização e por omissão²².

É assim que se avança em comunidades humanas, devagar, sinuosamente, em espirais que avançam e recuam, mas com um sentido cada vez mais claro e acutilante do que é a dignidade da pessoa humana que buscamos, por mais mascarada que ela esteja debaixo da sociedade do espectáculo, da sociedade “líquida” (Bauman) e até da sociedade “invisível” (Innerarity).

Problemas e desafios, 2010

Termino com um breve elenco de alguns problemas-desafios que temos de enfrentar, com coragem, determinação e persistência no tempo, e sob o signo da solidariedade e da procura do bem comum.

Os problemas são muitos. Nem o facto de o Presidente da República ter referido, no discurso do 25 de Abril deste ano que “o Porto é uma cidade que dispõe de todas as condições para ser um pólo aglutinador de novas indústrias criativas”, nos retira diante dos olhos um rol de problemas-desafios, antes nos responsabiliza ainda mais, à cidade e ao País.

Enuncio alguns que me parecem centrais e, ao mesmo tempo, sintetizo algumas das dimensões nucleares da minha reflexão:

-a dimensão do envolvimento, do re-conhecimento e da participação social alargada e da responsabilidade de actores sociais, instituições e pessoas, que aqui muito valorizei, requer um trabalho muito árduo de reconceptualização do que entendemos e praticamos como sendo o desenvolvimento sociocomunitário. Esta é uma **magna questão política**, que deve ser inscrita prioritariamente no espaço público;

²² Neste sentido, de pouco adianta re-conhecer que o Porto é uma cidade implicada e comprometida com projectos e acções enquanto “Cidade Criativa”, se as autoridades públicas não lhe garantem os meios para o vir a realizar.

-a dimensão da capacitação (empowerment) institucional do maior número de instituições sociais da cidade, alavanca de uma real coesão social e de uma eficaz e eficiente re-invenção criativa em e com todo o capital social da cidade; a magna “questão social”²³ do Porto requer um enorme investimento de toda a cidade, com base no Diagnóstico Social do Porto;

-a dimensão da cooperação e do trabalho em rede (do fortalecimento do capital social), o que implica um re-posicionamento interinstitucional e interprofissional, o que também nasce de uma aposta nova acerca do lugar do outro, próximo e distante, nas dinâmicas criativas da cidade; o trabalho em rede não pode ser uma moda (pode ser, mas morrerá na praia), tem de constituir também uma profunda convicção, que se alarga ainda à interdependência humana, à complexidade e ao caos que envolvem os múltiplos esforços criativos em ordem uma vida em comum, com rosto digno e com todos;

-a dimensão do fomento da educação criativa, desde a família, ao meio social, sobretudo aos *media*, até à escola, o que implica preparar os directores e os professores e com eles reflectir novos modos de pensar e organizar o ensino e as aprendizagens, a organização do ambiente escolar e a sua ligação às famílias e à cidade e aos seus projectos criativos;

-a dimensão da **confiança** dos líderes nos liderados e nas instituições da cidade (os líderes, como diz Sergioivanni, são os primeiros seguidores), do alinhamento da missão da criatiCidade entre todos os actores e protagonistas, sendo diverso e clarificado o papel e a acção de cada um, sob uma orquestração politicamente bem orientada e convicta;

-a dimensão do compromisso, do estímulo à criatividade e à emergência dos mais variados e pluralistas projectos e dinâmicas criativas em toda a cidade, sob a iniciativa dos mais variados protagonistas, criando também, desde já, mecanismos rigorosos de avaliação do impacto das “actividades culturais e criativas” que já está a e que ainda vai fomentar (*actividades* mais do que das “*indústrias*” culturais e criativas); deve ser bem sublinhada, nesta avaliação, a dimensão socioeconómica destes compromissos, empreendimentos e iniciativas;

Os decisores políticos precisam de saber onde está a ocorrer a inovação social, mapeando-a constantemente, têm de a acarinhar e colocar no centro das políticas públicas, têm de arriscar com aqueles com quem cooperam, têm de fomentar novas plataformas colaborativas e propiciar condições políticas para o seu sucesso, têm de ligar quem precisa com quem pode apoiar, quem pode dar com quem precisa de receber, conectar pessoas com problemas, pessoas com ideias e projectos inovadores, pessoas com recursos, projectos aprovados com dinheiro, para que fácil e rapidamente todos

²³ Que faz lembrar a carta de D. António Ferreira Gomes a Salazar e a denúncia da “miséria imerecida”.

se articulem (Diogo Vasconcelos, *ibidem*)²⁴ e sejam eficazes e eficientes, alcançando elevado valor social para a cidade.

-a dimensão da informação e comunicação, que devem servir-se de todos os meios para comunicar a mensagem principal, subjacente a esta ideia de Porto Cidade Criativa:

o Porto pode levantar a cara, com os pés na cidade e os olhos no mundo inteiro, sustentado na capacidade criativa e de inovação das suas gentes e instituições, apostando no que tem de melhor na sua história, a liberdade, a ousadia, o risco e a solidariedade, afinal, as suas melhores laranjas azuis.

Obrigado pela vossa atenção.

²⁴ Para poder analisar algumas das medidas propostas, no quadro europeu, consultar “Reinvent Europe Trough Innovation. From a Knowledge society to na innovation society”, Bruxelas, Comissão Europeia – Empresas e Indústria, 2009. Este documento resulta do trabalho de um grupo coordenado por Diogo Vacconcelos.